

Sindicatos negociam

**ROSANGELA CAPOZOLI
Da Sucursal**

São Paulo — Para se ter uma idéia da gravidade da situação econômica do País, antes mesmo de um convite oficial do Governo os líderes sindicais já confirmaram que estão dispostos a sentar para discutirem alternativas que possam tirar o Brasil do caminho da recessão e reativar o crescimento econômico. Porém, fazem uma ressalva: O primeiro passo deve ser um encontro apenas entre trabalhadores e empresários, mais tarde as propostas seriam encaminhadas ao Governo.

"Ou conversamos ou iremos todos para o mesmo precipício", disparou Luiz Antônio de Medeiros, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, o maior da América Latina, com 350 mil trabalhadores. Medeiros admite que seria possível até mesmo um pacto, contanto que "o Governo não seja louco de extinguir a Unidade de Reajuste de Preços (URP), sem antes encontrar novos dispositivos de reajustes salariais". E prosseguiu: "não podemos sentar na mesa depois que o Governo cortar nossas pernas", concluiu. Medeiros adiantou que se a URP for congelada os trabalhadores num passe de mágica partirão para a greve geral.

Ao contrário de Medeiros, Gilmar Carneiro dos Santos, presidente eleito do Sindicato dos Bancários de São Paulo e membro da CUT — Central Única dos Trabalhadores, não aceita discutir um pacto, mas não nega que a entidade está aberta para uma "negociação" que vise encontrar saídas para a economia como um todo. Carneiro dos Santos disse que se se tratar de uma reunião tripar-

tite "ela poderá ser prejudicada pela fragilidade do Governo". "O Governo não tem autoridade para mediar nenhuma negociação. Ele está sempre com o rabo preso com os empresários e contra os trabalhadores", afirmou o sindicalista.

Já o presidente dos Elétricários e secretário das relações internacionais da CGT — Central Geral dos Trabalhadores, Antônio Rogério Magri, disse que apesar de a situação econômica estar "conturbada" se o presidente da República fizer um apelo ele concorda em sentar à mesa. "Ou fazemos um grande esforço para encontrar uma saída conjunta ou estaremos todos perdidos", disse Magri. No entanto, ele enfatizou: Participar de um encontro com o Governo nesse sentido não quer dizer que acatarei suas propostas".

Para o presidente do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos (DIEESE) e do Sindicato dos Mareceneiros de São Paulo, Joel de Oliveria, desse "entendimento tripartite poderá sair soluções mais duradouras que os pacotes econômicos que engolimos até agora". Já o economista e coordenador da Fundação de Pesquisas Econômicas (Fipe), Juarez Rizzieri, esse "entendimento", que ele vê como um "ponto de partida" para buscar soluções para a economia não é possível neste momento e explica por quê.

Na sua opinião, é preciso conter a demanda de reposição salarial acima do previsto pelo Plano Bresser (nos patamares do segundo semestre). Do déficit público e de preços, "uma medida visando apenas o trabalhador é inviável" disse ele.